



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## A MANIFESTAÇÃO DO BASQUETE DE RUA NA CIDADE DE SALVADOR

**Autor – Ruy José Braga Duarte**  
**Professor da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia**  
[profruybraga@yahoo.com.br](mailto:profruybraga@yahoo.com.br)

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte do resultado da pesquisa de dissertação que trata sobre o Basquete de Rua. Para entendermos uma manifestação tão complexa culturalmente se faz necessário apontar para a cultura, seu conceito e sua possibilidade de transformação da sociedade. Não temos a intenção de definir o conceito e sim de pontuar alguns autores que divergem em pontos distintos na tentativa de conceituar cultura. Portanto, tentaremos dar algumas pistas no sentido de avançar no debate sobre o tema. Por conta de tantas problemáticas que o povo de Salvador enfrenta em particular a população afro-descendente, trazemos como objetivo principal identificar e analisar a realidade e as contradições do Basquete de Rua como manifestação da cultura corporal da população afro-descendente jovem da cidade de Salvador, buscando encontrar elementos variados para a consolidação da cultura da juventude.

### CULTURA

O conceito de cultura é recente, pois apenas no século XIX o termo teve amplitude, apesar de no século anterior já existirem citações a respeito. Por ser assim e por ser tão recente a tentativa de conceituar o termo, existem muitas divergências.

Eagleton (2005), Santos (2006) nos diz que Vem do verbo latino *colere*, que quer dizer cultivar, um de seus significados originais é “lavoura” ou “cultivo agrícola”, o cultivo do que cresce naturalmente. Portanto, a cultura provém da natureza transformada, ou seja, é construída ou (re) configurada a partir das modificações da natureza feitas pelo homem.

Prontamente, partiremos do pressuposto que as relações humanas no processo de interação proporcionam novas formas de entendimento de cultura, partindo do ponto das significações das relações, pois,

(...) a cultura é simultaneamente um aspecto de interação concreta e o contexto de significação desta mesma interação: ela é posta em movimento



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

das relações humanas como a condição que torna essas mesmas relações significativas. (Poutignat, 1998, p. 110)

Santos (2006, p.44), nos diz que “cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade”. E continua, “a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental”. (p.47). Logo, a preocupação com as relações sociais, grupos e suas interações é o que caracteriza a cultura na visão do autor, que ainda nos traz duas concepções básicas de cultura, “a primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo”. (p. 23). Então, podemos dizer que o Basquete de Rua, inserido no contexto social esportivo e cultural da sociedade é aprendizagem e conhecimento, interação e intervenção, contestação e aceitação. Portanto, cultura.

Arantes (2006) nos traz que a questão do mapeamento não é significativa do ponto de vista de entender as contradições culturais existentes nos grupos. Vejamos, “(...) não se deve buscar apenas o mapeamento social subjacente às ações observadas, mas, sim as compreensões variadas e, às vezes, conflitantes que diferentes segmentos de um grupo articulam na própria ação.” (p. 40 e 41). Verificamos em grupos que jogam o Basquete de Rua, essas diferenças de segmentos e articulação. Pois, em Cajazeiras, bairro da periferia de Salvador, grupos de vários segmentos da sociedade reúnem-se para jogar uma competição de basquetebol. Enquanto que na cidade baixa, outro bairro de Salvador os grupos se reúnem com a intenção da prática do lazer através do Basquete de Rua.

Com Ortiz (2006), temos auxílio para entender que a interferência do Estado burguês na cultura propicia uma nova forma de fazer cultura e as classes oprimidas buscam alternativas para contestar a institucionalização da cultura popular. Logo, “o caráter político do conceito de cultura está intimamente ligado às questões referentes ao poder, à luta de classes, à desigualdade e ao sofrimento que foram o motor da história”. (Abib, 2004, p.26). Motor este, vivo nos locais das práticas do Basquete de Rua, as dificuldades e degradação dos espaços, dos equipamentos e a falta de compromisso do poder público com os espaços de esporte e lazer reforçam o caráter político do conceito de cultura, evidenciado na cidade de Salvador da Bahia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Laraia (2008) nos traz uma série de elaborações sobre o conceito e a ideia da origem da cultura, importante evidenciar uma passagem sobre a consideração de Claude Levi-Strauss, o mais importante antropólogo Francês, que “a cultura surgiu no momento em que no homem convencionou a primeira regra, a primeira norma. Para Levi-Strauss, esta seria a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas”. (p. 54).

Não nascemos com identidades, pois elas são formadas e transformadas nas relações sociais, ou seja, na relação homem/homem e homem/natureza, colocados por alguns autores que defendem essas relações. Logo, o sujeito se forma como sujeito social, através da experiência das gerações passadas transmitida às gerações vindouras, ou seja, pela cultura.

Do ponto de vista sociológico, Santos (2006) aborda a cultura nas relações sociais, pois, estão postas e devem ser consideradas relevantes para o entendimento do pertencimento da cultura de sociedades ou grupos sociais distintos.

Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes. Assim, falar, por exemplo, das etapas humanas de selvageria, barbárie e civilização pode ajudar a entender o aparecimento da sociedade burguesa na Europa, mas não é suficiente para dar conta de culturas que por longo tempo se desenvolveram fora do âmbito dessa civilização. (p.12).

E continua:

Observem que vivemos numa sociedade que tem uma classe dominante, cujos interesses prevalecem, Se fossemos relativizar os critérios culturais existentes no interior da sociedade acabaríamos por justificar as relações de dominação e o exercício tradicional do poder: eles também seriam relativos. (idem, p. 20).

Dessa forma, continuamos a dizer que a diversidade não caracteriza um relativismo, dentro e nas relações sociais que as diferentes sociedades apresentam nas suas culturas. “(...) o importante para pensarmos a nossa realidade cultural é entendermos o processo histórico que a produz, as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade”. (p.34). Assim, o autor nos alerta sobre a importância das relações sociais na elaboração, construção ou integração das culturas, mesmo que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

seja com a dominação de um povo sobre o outro, a destruição da cultura do povo dominado.

Dizemos que cultura é tudo aquilo que, através das relações sociais, dá continuidade a uma determinada sociedade, transformando-a, assim sendo, o Basquete de Rua é uma manifestação de importância singular com amplas possibilidades de ser produtora de continuidade da transformação social. Porém, não estamos nos apoiando nesta manifestação como salvação para os problemas sociais existentes na contemporaneidade, pois o conceito de cultura está em processo de resignificação.

Cabe aqui dizer que, mesmo com as intervenções institucionalizadas, os sujeitos reconstróem e fortalecem seus laços culturais através da história. Assim, vejamos o que traz Abib, (2005),

A cultura passa a ser, a partir desse viés, um campo de significação e um terreno de luta, nos quais os processos de identificação se dão de acordo com as necessidades históricas dos sujeitos que compõem os grupos protagonistas desses processos. (p.28)

Quando analisamos a cultura na modernidade, a partir das alterações sofridas por mecanismos de troca e de transferências de experiências, ou até mesmo de destruição da cultura do “outro” por domínio do território e do seu povo, não pretendemos dizer que a cultura que é modificada na modernidade em busca de outros modos de vida significativamente diferentes da abrangência que a cultura traz, significa dizer que “a modernidade não é definida como experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida.” (Hall, 2005, p.15). Dessa forma, entendemos a modernidade como “o novo” que se coloca, como o que supera o anterior e não como “experiência de convivência”. Assim, se encontra em mudança constante, alterando os processos culturais.

## **O Basquete de Rua**

O Basquetebol criado nos Estados Unidos por James Naismith em dezembro de 1891, foi aos poucos se transformando e se consolidando como esporte, obtendo um significado especial nesse País. A prática do basquetebol pela sociedade americana foi,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

a cada dia, se desenvolvendo tornando-o popular. Porém, a sua institucionalização provocou contradições na popularização da prática, do tipo, a necessidade de praticar com dez participantes, a altura da cesta, o local da sua prática, entre outros. Assim, a sociedade, mais precisamente os negros da periferia americana, foi ao longo dos anos interferindo nas suas normas e forma de jogar, buscando outras possibilidades para a prática esportiva, de tão significativas que foram as mudanças que hoje se evidencia um modo distinto e alegre de se jogar o Basquete, denominado *streetball*, ou seja, Basquete de Rua.

A manifestação surgiu nos guetos nova-iorquinos, entre as comunidades mais pobres dos Estados Unidos, pois os jovens que não tinham quadras nem ginásios para jogar, queriam buscar um futuro melhor. Vale ressaltar que são poucos os que conseguem essa façanha, realidade esta, não muito diferente dos jovens brasileiros.

A maior e mais famosa equipe de Basquete de Rua norte americana é a AND1, que além de patrocinar o espetáculo esportivo, seleciona os melhores jogadores dos Estados Unidos da América e promove uma turnê com jogos de *streetball* por todo o mundo, seguindo os passos do grupo mais famoso do mundo quando se fala em basquetebol, os *Globetrotter*, em 2008, a And1 veio ao Brasil jogar na cidade de Brasília – DF.

No Brasil alguns estados desenvolvem a prática do Basquete de Rua que pouco a pouco se espalha por todo o país como uma manifestação e cultura da juventude. No Rio de Janeiro alguns órgãos não governamentais desenvolvem o Basquete de Rua - A (LUB)<sup>1</sup> Liga Urbana de Basquete, que se preocupa com a área social, ao mesmo tempo em que delimita os espaços do jogo, a (CUFA)<sup>2</sup>, que tem uma intervenção mais direta na periferia e que ano a ano desenvolve atividades no viaduto de Madureira, proporcionando maior visibilidade à atividade visto que existe uma filial por todo o

---

<sup>1</sup> A LUB é uma organização sem fins lucrativos com definida gestão profissional. Fundada em agosto de 2004 no Rio de Janeiro, a LUB tem como foco o desenvolvimento do basquete, do praticado nas ruas. Seus conceitos são: a solidificação de uma cultura de solidariedade; a mobilização permanente pela paz; e o estímulo aos valores positivos associados ao esporte e ao espírito de grupo. Sua visão de futuro é proporcionar o desenvolvimento do basquete, formando parcerias e viabilizando junto ao público-alvo atividades sociais, educacionais e esportivas.

<sup>2</sup> Central Única das Favelas desenvolve projetos esportivos e educacionais nas favelas e o basquete de rua é um dos pontos de destaque deste projeto. Criada por Celso Athayde e pelo cantor de Rap MVBill, na cidade do Rio de Janeiro É criador da primeira Liga Brasileira de Basquete de Rua (Libbra) e das Seletivas Estaduais de Basquete de Rua (Sebar).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Brasil, ao mesmo tempo em que cria a (LIBBRA)<sup>3</sup> Liga Brasileira de Basquete de Rua e a equipe Cesta Básica do Rio de Janeiro.

Sendo considerada uma manifestação com tendências de resistir aos modelos esportivos que a realidade apresenta para uma determinada classe, nos preocupa a possibilidade do desaparecimento do Basquete de Rua enquanto prática de resistência e tornar-se mais um produto da chamada “mercadorização do esporte”, pois as normatizações da manifestação indicam e remetem à esportivização e à comercialização da atividade.

O basquete tradicional e o Basquete de Rua trazem na sua origem o mesmo objetivo que é colocar a bola na cesta. Porém, as determinações colocam em pontos de vista diferentes, quando são postos alguns argumentos, por exemplo, o da luta de classes dentro da sociedade capitalista, oportunidades postas para alguns e para outros não.

É evidente que, para que haja a prática do basquetebol tradicional, se faz necessário alguns equipamentos específicos e obediência às regras do jogo pré-estabelecidas por órgãos oficiais, dinamizando o esporte. Apesar da semelhança no sentido de colocar a bola na cesta, as contradições estão postas quando o Basquete de Rua, na sua lógica, não estabelece um local específico para a sua prática, pois como o nome já diz, é “de rua”, logo, jogado na rua ou em qualquer espaço que possibilite colocar a bola na cesta.

## **O Basquete de Rua em Salvador: uma prática de Lazer**

O Estado da Bahia se relaciona com o Basquete de Rua através da CUFA, já que a dificuldade existente no interior do estado para a prática do Basquete de Rua é grande, pois as práticas culturais nestas localidades estão ligadas à tradição. Assim, a referência que essas comunidades têm para a prática está diretamente ligada ao que acontece nas grandes metrópoles, nesse caso, Salvador.

Portanto, em Salvador o Basquete de Rua se mistura, em muitos locais, com o basquete convencional como nos bairros de Cajazeiras, Cabula, Liberdade, entre outros,

---

<sup>3</sup> A CUFA então criou a LIBBRA - Liga Brasileira de Basquete de Rua, que se tornou referência única nesta modalidade cultural-esportiva em dimensão nacional. Já em sua primeira edição, em 2005, a grande final da LIBBRA foi realizada em um dos palcos mais expressivos da cultura carioca, o Sambódromo do Rio de Janeiro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

impulsionando a atividade para um não entendimento para quem se aproxima do jogo, gerando uma confusão sobre a prática da atividade, visto que, o que está construído historicamente na cultura esportiva da população é o esporte rendimento, em particular o futebol. Portanto, pensar um jogo jogado com as mãos, requer tempo para apropriação, mas também, não quer dizer que não seja jogado dentro do que se entende à primeira vista. Assim, o processo de crescimento das práticas culturais se evidencia a partir do momento em que a população se aproxima dessas práticas. Contudo, fazer uma distinção entre as práticas culturais é dificultado, por que o que foi e ainda é construído em escolas, clubes e associações são atividades relacionadas ao esporte rendimento. Por conta desses fatores, a reinvenção do basquete não está evidente em todos os locais onde é praticado.

Na cidade de Salvador, existem dois locais onde as atividades mais se aproximam do Basquete de Rua: Jardim dos Namorados e o Largo do Papagaio na cidade baixa.

O Basquete de Rua se concentra em locais determinados por suas tribos ou grupos de acordo com a comodidade e facilidade para a prática da atividade, pois constatamos que apenas no Largo do Papagaio, Península Itapagipana com um espaço improvisado e na quadra do Jardim dos Namorados é que encontramos a prática do Basquete de Rua apenas como uma forma de lazer e não como uma atividade de contestação das condições sociais e culturais que são levantadas no movimento *Hip Hop*, por exemplo.

Em 2009 um evento no ginásio do Serviço Social da Indústria (SESI) Itapagipe, Esporte Transforma, realizado pela TV Bahia, de imediato, constatamos que neste evento o Basquete de Rua vem ganhando força e popularidade junto à sociedade, através da presença do público. Constatamos também que a presença de empresas privadas patrocinando o evento estava evidente no material de divulgação em todo o local do evento, logo, entendemos que o capital está atento ao movimento que esta manifestação apresenta.

Os quatro elementos do movimento *Hip Hop* estavam presentes e o Basquete de Rua se configurando como prática esportiva que fortalece a cultura *Hip Hop*, visto que o evento teve o apelo do Basquete de Rua. Assim, a manifestação de uma prática corporal reinventada na rua tem tomado proporções significativas, ou seja, evoluído a tal ponto



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de possibilitar elaboração de eventos que sejam transmitidos pelos meios de comunicação de massa. Porém, em nossas análises verificamos que os participantes do evento não tinham nenhuma ligação com as expressões culturais do movimento *Hip Hop* e sim da cultura *Hip Hop*, pois, segundo alguns integrantes desses movimentos, a cultura *hip-hop* está direcionada ao mercado, a indústria cultural, ligado ao capital proporcionando uma visão mercadológica de espetacularização das atividades, indo desse modo em direção totalmente inversa do movimento que tem como alicerce, a consciência e a atitude, que busca uma orientação de emancipação política e social. No Brasil, em particular a Bahia vem assumindo lugar de destaque nas atitudes e ações do movimento *hip-hop*. Contudo, os sujeitos da atividade traziam na realização dos movimentos elementos característicos de transformação que a manifestação traz em superação ao esporte institucionalizado, a ginga, os dribles, os malabarismos construídos e executados de forma coletiva, são alguns elementos que se evidenciaram durante os jogos. Ainda assim, temos dúvidas sobre a consciência de determinados grupos que praticam o Basquete de Rua, pois entendemos que a consciência social é mediada por relações e de acordo com Bogo (2008, p.165), “ao reproduzir cotidianamente apenas atividades, o ser social se torna ativista e não crítico”. Portanto,

A transformação do meio somente ocorre se houver também a transformação do ser social. O fazer, então, torna-se um fato político. Mas não há transformação do meio e do ser sem um instrumento que se coloque entre a consciência e a possibilidade. Não pode haver práxis coletiva se não houver um instrumento de uso coletivo. (p.166-167)

Assim, se faz necessário observarmos como esses grupos estão construindo a sua consciência social, pois se o conhecimento for o quinto elemento do movimento *Hip Hop*, conforme afirma Bambaata, é preciso maior interação entre as tribos, comunidades, associações no sentido de formar redes de informações e se constituir pouco a pouco esse conhecimento e também um ponto de apoio, acima de tudo político, para essa socialização, contudo, se este elemento não estiver consolidado na consciência, através da prática social, nos praticantes do Basquete de Rua, esses não podem ser classificados como parte integrante do movimento *Hip Hop*. Pois, o que vemos em Salvador é que a tão evocada consciência, ou busca do conhecimento dentro do movimento *Hip Hop* e do Basquete de Rua, ainda tem grandes distorções e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

contradições internas, a exemplo de se formar grandes competições com o intuito de promoção individual.

Nesse contexto, existem fatores de relação entre o jogo e o esporte, pois a caracterização que é dada na rua tem uma mescla desses dois elementos onde as características de um e de outro se confundem, as regras ao mesmo tempo em que são facilitadas em determinado momento, em outro, são rígidas. Logo, é necessário observarmos as características do jogo, pois “o jogo é uma atividade voluntária”, (Huizinga, 2008, p.10), ainda com o autor enfatizamos sobre o descompromisso,

Seja como for, para o indivíduo adulto e responsável o jogo é uma função que facilmente poderia ser dispensada, é algo supérfluo. Só se torna uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma numa necessidade. É possível, em qualquer momento, adiar ou suspender o jogo. Jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas “horas de ócio”. Liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual. (p. 10-11).

Entendemos que reflete as características principais do jogo como prazer e como necessidade, porém acrescentaríamos nessa reflexão sobre a necessidade ou obrigação, o trabalho, visto que esta é uma categoria importante e que ajuda nas análises sobre o contexto que se apresenta na sociedade capitalista, pois, não podemos negligenciar as condições que estão postas para a sobrevivência do homem.

Portanto, a competição que está inserida no jogo e tida como um fetiche na sociedade, transforma uma das características formais do jogo que é ser desinteressado em interesse e seriedade na busca de um objetivo que é a vitória, o ganhar. Dessa forma,

A idéia de ganhar está estreitamente relacionada com o jogo. Todavia, para alguém ganhar é preciso que haja um parceiro ou adversário; no jogo solitário não se pode realmente ganhar, não é este o termo que pode ser usado quando o jogador atinge o objetivo desejado. (...) Ganhar significa manifestar sua superioridade num determinado jogo. Contudo, a prova desta superioridade tem tendência para conferir ao vencedor uma aparência de superioridade geral. Ele ganha alguma coisa mais do que apenas o jogo enquanto tal. Ganha estima, conquista honrarias: e estas honrarias e estima imediatamente concorrem para o benefício do grupo ao qual pertence. (idem, p. 57-58).

O fato de jogar para ganhar e ao mesmo tempo tecer homenagens e honrarias conduz a outra forma de intervenção na sociedade ao passo que, o jogo no modelo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

esportivo trata a atividade diferentemente do contexto de liberdade e satisfação. Apesar de alguns indivíduos considerarem a tensão, a competitividade, a exclusão, entre outras que são características da competição como forma de satisfação e prazer, caracterizando assim, a intencionalidade do esporte numa sociedade dividida em classes.

Numa cidade como Salvador onde os espaços e os equipamentos de lazer tanto no centro da cidade como na periferia são insuficientes, os poderes públicos incentivam práticas que favorecem ao mercado, onde a especulação capitalista dos espaços de lazer está fortemente evidenciada, entendemos que esse tipo de direcionamento do lazer aumenta a exclusão social existente na cidade.

Alicerçamos nossa afirmação em Mascarenhas (2004), visto que, as políticas públicas de lazer que desde 1990 vem tendo uma queda nos investimentos federais, excluindo grande parte da juventude de ter acesso a equipamentos de lazer caracterizando os sem-lazer.

Os sem-lazer podem ser vistos aqui como aqueles setores da população que se encontram à margem do mercado de consumo e dos equipamentos de lazer, não tendo, também, essa necessidade devidamente atendida pelas políticas de governo. São, por exemplo, conforme dados levantados pela Fundação Perseu Abramo (1999), milhares de jovens que nunca tiveram a oportunidade de ir ao cinema (15%), ao teatro (46%), a um show (29%), a um concerto (86%), a um espetáculo de dança (77%), ao museu (52%), a uma exposição fotográfica (72%), a um estádio de futebol (49%), ao circo (22%), ou mesmo, à biblioteca (40%). (p.78 e 79).

Todavia, mesmo sabendo que é dever do Estado promover a prática do lazer como promoção social, pois é o que diz o Capítulo III, Seção III da Constituição brasileira de 1988<sup>4</sup>. O Estado fomenta de maneira precária os espaços e tempos para a prática e acesso ao lazer, visto que mais de 90% dos municípios do Brasil não possuem sala de cinema. Assim, verificamos que as possibilidades de lazer que são oferecidas

---

<sup>4</sup> Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto-Seção III - Do Desporto

**Art. 217.** É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados: I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento; II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento; III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional; IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional. § 1º O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em lei. § 2º A justiça desportiva terá o prazo máximo de sessenta dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final. § 3º O poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

para a população ainda são insuficientes. Cabe aqui enfatizar que o “espaço”, o qual estamos dando ênfase é o espaço público, ou seja, aquele que está à disposição de toda a sociedade a qualquer momento e não os espaços privados onde também possuem caracterização do lazer.

Muitas iniciativas são realizadas no sentido de aproximar as comunidades mais carentes aos bens culturais aos quais não têm acesso. Porém, dentro destas ações existem grandes contradições que favorecem a exclusão e a não participação da maioria da população. Um exemplo é a escassez de área pública em condições para a prática do Basquete de Rua na periferia, em Salvador principalmente, e as existentes estão com alguma precariedade quando não é na quadra em si, é na iluminação.

Por conta destas e outras situações que os praticantes do Basquete de Rua encontram que vão aos poucos fortalecendo os posicionamentos contra hegemônicos, características dos movimentos de rua em sua grande maioria como o Punk, Gótico, o movimento Hip Hop, entre outros que estão vinculados à cultura da Juventude.

Contudo, isso não anula as práticas de Lazer, visto que, nesta mesma praça pública, em Salvador no Jardim dos Namorados, aos domingos, práticas de lazer com o Basquete de Rua acontecem. Apesar das dificuldades de espaço e condições para a realização do Basquete de Rua, com frequência, alguns grupos, tribos se encontram para se divertir.

### **Considerações Finais**

O Basquete de Rua, enquanto jogo, é considerado uma atividade voluntária, não séria e situado numa categoria não material, o que não quer dizer que o jogo não seja sério. No entanto, o jogo é belo, possui uma beleza própria, característica da atividade, porque, ao colocar o corpo em movimento com sua complexidade, demonstra a sua graça, a sua beleza.

A vivacidade e a graça estão originalmente ligadas às formas mais primitivas do jogo. É neste que a beleza do corpo humano em movimento atinge seu apogeu. Em suas formas mais complexas o jogo está saturado de ritmo e de harmonias, que são os mais nobres dons de percepção estética de que o homem dispõe. São muitos, e bem íntimos, os laços que unem o jogo e a beleza. (Huizinga, 2008, p. 9 e 10).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A saturação que o autor coloca diz respeito a múltiplas determinações que o jogo possui e não a impregnação, ao mesmo tempo em que remete, a “os mais nobres dons”, o qual entendemos que o jogo é oriundo das relações sociais e não brota do chão. Nessas mesmas relações, o jogo foi se desenvolvendo pelos seres humanos até chegar num modelo de manifestação da cultura corporal que hoje chamamos de esporte.

Contudo, o Basquete de Rua como prática corporal, elemento da cultura corporal, tendo seus pilares no jogo, na cultura e no corpo, caracterizando-se como jogo cultural do corpo, proporciona um grande universo de estudo e reflexão nas relações das manifestações culturais, do esporte, do lazer, da ciência social, da etnia, das ações afirmativas e da educação. Para que se evidencie nossa afirmação, vale esclarecer nosso entendimento sobre os pilares: i) o jogo como um elemento de construção e reinvenção de práticas corporais que surgem e se reinventam na sociedade, num movimento de ir e vir nas relações sociais; ii) a cultura com seus signos e significados que, na prática social se efetiva como elemento reivindicatório, de contestação e consentimento; e, por fim, iii) o corpo, este do qual estamos falando não é o corpo biológico, por entendermos como reprodutor da sua evolução genética. Portanto, prendemos nossa análise no corpo social, visto que este possui sua evolução e desenvolvimento na história social, ou seja, na objetividade da ação humana que está diretamente ligada à ação social e histórica.

Considerando o Basquete de Rua enquanto uma atividade que transforma outra atividade com um determinado fim, até isto ocorrer, isto é, para que aconteça este ato, necessariamente, foi preciso uma apropriação da objetivação existente no basquete tradicional. Dizemos isso por entender que as necessidades humanas são dadas além das necessidades biológicas, ou seja, como características do gênero humano estas necessidades são histórico sociais, exemplo, o homem com a necessidade de colocar frutos na cesta em determinada distância, lançava-os, dominando este mecanismo, isto é, se apropriando desta objetivação. Em seguida, esta mesma atividade sofreu alterações passando para outro processo de apropriação e objetivação com a necessidade de se divertir, ocupar o tempo livre, etc. Constitui-se um jogo que, posteriormente, por conta de outras necessidades, esse jogo transformou-se em esporte, o qual nós conhecemos hoje. Logo, o processo de apropriação da objetivação já existente conduz a outras elaborações no processo histórico social. Assim, o Basquete de Rua transforma e se transforma em categoria do gênero humano no contexto das relações sociais. Por isso



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que compreendemos a cultura como um processo que é também transmitido de geração a geração.

Dessa forma, se a cultura é constituída no processo de transmissão dos conhecimentos entre as gerações, ou seja, a apropriação das atividades das gerações passadas para se constituir em novas objetivações, superando-se, nos remete ao entendimento que a cultura é uma especificidade do gênero humano e não da espécie humana, pois a espécie humana se caracteriza pela herança biológica, isto é, pela hereditariedade, enquanto o gênero humano se caracteriza pelo processo histórico social que a humanidade acumula e desenvolve, pois,

A herança genética transmite as características da espécie, na medida em que essas características encontram-se materializadas no organismo humano, da mesma forma como qualquer espécie animal. Todos os seres humanos (salvo nos casos de anomalias genéticas) possuem características fundamentais da espécie. O mesmo, porém, não acontece com as características fundamentais do gênero humano, na medida em que elas não estão acumuladas no organismo e não são transmitidas pela herança genética. Se a espécie humana tem uma existência objetiva, com características que se materializam no organismo, seria então o gênero humano uma abstração sem existência real? Não, o gênero humano tem uma existência objetiva, justamente nas objetivações produzidas pela atividade social. A atividade do gênero humano é diferente da objetividade da espécie humana e a diferença reside justamente no fato de que o gênero humano possui uma objetividade social e histórica. (Duarte, 1999, p. 103).

Portanto, os praticantes do Basquete de Rua e mesmo aqueles que assistem essa manifestação, ou se aproximam de alguma forma, estão desenvolvendo o processo de apropriação e objetivação, logo, educando-se nas relações sociais entre os sujeitos.

Retomando o eixo central o tripé exposto anteriormente, podemos avançar no raciocínio sobre o Basquete de Rua como o jogo cultural do corpo, já que, vivenciar as práticas esportivas e culturais é essencial para ajudar a construir o conhecimento e ampliar as possibilidades de propagar para outras gerações o movimento esportivo cultural, na esteira do processo de emancipação humana, apesar da constatação que o Basquete de Rua em Salvador ainda não alcançou esse patamar de compreensão da realidade apesar das condições favoráveis para o entendimento. Alertamos que o Basquete de Rua não é e não será um modelo de resistência urbana capaz de formatar uma ideologia de resolução dos problemas sociais. Apenas estamos apontando que é,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sim, uma possibilidade real de construir redes de discussões sobre questões sociais, políticas públicas, de lazer, gênero, etnia, entre outras.

O Basquete de Rua nos traz elementos para reflexão do ponto de vista do coletivo, pois o que está posto em Salvador é uma integração entre as tribos que praticam esta atividade, é uma busca pela socialização desta prática cultural com um aspecto contra hegemônico, apesar de não estar evidente em sua totalidade.

O esporte tem um caráter social importante para a construção de uma sociedade para além do capital, mais humana e não excludente, pois vale salientar “que o trabalho criou o homem e criou também a sua consciência”. (Engels apud Goellner, 1992, p. 288), assim como, “não é o esporte que faz o homem e sim o homem que faz o esporte, interferindo na sua estrutura, determinando como, onde, com quem, quando, com que regras e condições” (Coletivo de Autores, 1992, p. 56), ele é realizado podendo incluir muitas ações lúdicas e espontâneas para produzir indivíduos críticos a fim de refletir sobre este conteúdo no currículo escolar de uma sociedade capitalista, organizando os procedimentos didático-pedagógicos. “Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação ‘a realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria’”. (ibidem, p. 71). Assim, o Basquete de Rua como prática corporal, proporciona um grande universo de estudo e reflexão nas relações das manifestações culturais, do esporte, do lazer, da ciência social, da etnia, das ações afirmativas e da educação na trajetória em busca da emancipação humana.

O Basquete de Rua juntamente com o movimento *Hip Hop*, vem construindo um modo de reivindicar as questões culturais e sociais buscando se inserir nos movimentos de resistência urbana, principalmente como um elemento do esporte nesse movimento que, com encontros e atividades de lazer nos grandes centros urbanos, tentam edificar a busca pela emancipação ao mesmo tempo em que o conceito de cidadania é colocado em discussão, visto que os bens culturais produzidos pela humanidade não são disponíveis a todos.

Concluimos dizendo que o debate, que se inicia, abre outras possibilidades de trato com o conhecimento do esporte no seio da sociedade, soteropolitana que está carregada de contradições culturais, econômicas e sociais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O Basquete de Rua, como o jogo cultural do corpo, pode contribuir e muito para este debate, principalmente pelo viés social, onde os aparatos governamentais e ou privados possibilitam novas condições de crescimento, criticando e até mesmo concordando com algumas posições, desde que estejam contribuindo para o crescimento sócio cultural da classe trabalhadora pobre, residente em sua maioria na periferia das grandes cidades. E que as possibilidades de superação do esporte institucionalizado que se constituem nos grupos e movimentos de rua se efetivem, pois os sujeitos que participam, inventam e reinventam as atividades, são os principais interessados no movimento de inclusão social, principalmente na periferia de Salvador de maioria negra, pobre e que vivem em situação socialmente degradada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ABIB**, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Campinas/Salvador. Editora Centro Memória Unicamp/Edufba. 2005.

\_\_\_\_\_ Cultura popular e educação: um estudo sobre a Capoeira Angola. R. Faced, Salvador, n.11, p.201-214, jan/jun. 2007.

**ASSIS DE OLIVEIRA**, Sávio. Conclusão. Morte súbita ou prorrogação? In: A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

**ARANTES**, Antonio Augusto. O que é cultura popular / Antonio Augusto Arantes – São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 36)

**BHABHA**, Homi K. – O local da cultura - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

**BOGO**, Ademar – Identidade e luta de classes. 1. Ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2008.

**BRACHT**, Valter – Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Ed. Unijuí, 2005. (Coleção educação física).

**CERTEAU**, Michel de – A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer / Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.

**COLETIVO DE AUTORES**. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

**CUFA**, [www.cufa.org.br](http://www.cufa.org.br)

**DUARTE**, Newton – Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação – Campinas, SP, Autores Associados, 2003. – (Coleção polêmicas do nosso tempo, 86).

\_\_\_\_\_ - A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo – 2. Ed. – Campinas, SP : Autores Associados, 1999. – (Coleção Contemporânea)

**EAGLETON**, Terry – A idéia de cultura, São Paulo, editora: UNESP, 2005.

**HALL**, Stuart – A identidade Cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraceira Lopes Louro – 10. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

**HUIZINGA**, Johan, 1872-1945. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo : Perspectiva, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

**KLEIN**, Lígia Regina. O manual didático: contexto histórico de emergência e implicações na organização da escola moderna. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. Educação no Brasil: história e historiografia. **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000.

**LARAIA**, Roque de Barros – Cultura: um conceito antropológico – 22ª Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

**LIGA URBANA DE BASQUETE** - Disponível em <http://www.lub.org.br/> acesso em 12-10-09, às 14:10

**MASCARENHAS**, Fernando. “Lazerania” também é conquista: tendências e desafios na era do mercado. *Movimento/UFGRS*, Porto Alegre, v.10, n.2, p.73-90, maio/ago. 2004.

**MUNANGA**, Kabenguele – Negritude : usos e sentidos – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009 – Coleção Cultura Negra e Identidades)

**ORTIZ**, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional – São Paulo: Brasiliense, 2006.

**POUTIGNAT**, Philippe – Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fernat; tradução do Elcio Fernandes. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

**SANTOS**, José Luiz dos, 1949- o que é cultura. São Paulo : Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110)

**SENADO** – Constituição da República Federativa do Brasil – Disponível em: [http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/CON1988.htm](http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.htm) acesso em 04/06/10, às 19:45 min.